

Por fim

Edward St Aubyn

Traduzido do inglês por
Daniel Jonas

SEXTANTE EDITORA
FICÇÃO



– Surpreendido por me veres? – disse Nicholas Pratt, ao plantar a sua bengala na alcatifa do crematório, encarando Patrick com um certo ar de provocação, um hábito já sem proveito mas demasiado arreigado para ser contrariado. – Tornei-me cá um papa-velórios. Na minha idade é para o que dá. De nada me adianta ficar em casa a galhofar com os erros alarves de necrólogos juvenis, ou a ceder aos prazeres assaz monótonos da contabilidade diária de contemporâneos finados. Nem pensar! Há que «celebrar a vida»: lá se vai a putéfia do liceu. Dizem que ele teve uma boa guerra, mas eu é que sei! – esse tipo de coisas, pôr a proeza toda em perspectiva. Atenção, não estou a dizer que não é tudo muito comovente. Há uma espécie de efeito orquestral bombástico nisto tudo. E horror a rodos, claro. Isto de andar ultimamente da cama do hospital para o banco da igreja e de volta para a cama do hospital recorda-me os petroleiros que costumavam encalhar semana sim semana não, mais os bandos de aves moribundas dadas à costa com as asas presas e os seus olhos amarelos confusos a pestanejarem.

Nicholas varreu a sala com o olhar.

– Pouco concorrido – murmurou, como se preparasse uma descrição para outra pessoa. – São os amigalhaços místicos da tua mãe? Que extraordinário. Que cor dirias ser a daquele fato? Beringela? *Aubergine à la crème d'oursin*? Tenho de passar pela Huntsman para ver se desencanto um para mim. Como diz, não tem em Beringela? Mas toda a gente usava um na Eleanor Melrose. Vejam lá se me encomendam um quilómetro dele imediatamente!

Presumo que a tua tia deva chegar a qualquer momento. Há de sentir-se em casa entre os Beringelas. Vi-a a semana passada em

Nova Iorque e apraz-me dizer que fui eu quem lhe deu as trágicas novas sobre a tua mãe. Desfez-se em lágrimas e pediu um *croque monsieur* para a ajudar a engolir a segunda dose de comprimidos dietéticos. Tive pena dela e arranjei forma de a convidar para jantar com os Blands. Conheces o Freddie Bland? É o mais baixinho dos multimilionários vivos. Os pais dele eram praticamente anões, como o General e a Sra Tom Thumb. Costumavam fazer a sua entrada com grande pompa e depois desapareciam para debaixo de uma consola. A Baby Bland agora deu uma de séria, como fazem alguns quando chegam ao seu ocaso de senilidade. Entre todos os assuntos ridículos, decidi escrever um livro sobre Cubismo, nem mais. Quer-me parecer que faz parte da sua tentativa de ser a esposa perfeita. Ela bem sabe como ficava sempre o Freddie por alturas do aniversário dela, vai daí, graças ao seu novo passatempo, tudo o que ele agora tem a fazer é tratar de pôr a Sotheby's a embrulhar uma qualquer pintura deplorável de mulher com cara tipo talhada de melancia desse grande intrujão do Picasso e é garantido que a leva aos píncaros da felicidade. Sabes o que é que a Baby me disse? Ao pequeno-almoço, vê-me só, apanhou-me praticamente sem defesas – Nicholas adotou uma voz afetada: «Aqueles pássaros divinais no Braque tardio não são de facto mais do que uma desculpa para o céu.» «E que boa desculpa», digo-lhe eu, engasgando-me ao dar o primeiro gole no meu café, «muito melhor que um aparador de relva ou um par de tamancos. Só mostra que ele dominava completamente o seu material.»

Séria, como vês. É uma fatalidade a que eu irei resistir com os últimos recursos da minha inteligência, a não ser que o Herr Doktor Alzheimer intervenha, nesse caso só me resta escrever um livro sobre arte islâmica para mostrar que os cabeças de toalha foram sempre muito mais civilizados do que nós, ou então um calhamaço sobre o quão pouco conhecemos nós da mãe de Shakespeare e do seu catolicismo ultrassecreto. Alguma coisa séria.

Seja como for, receio que entre a tia Nancy e os Blands aquilo tenha dado para o torto. Não deve ser fácil ser-se exclusivamente social e inteiramente poucos amigos ao mesmo tempo. Pobrezinha. Mas sabes o que me surpreendeu, tirando a autocomplacência vibrante da Nancy, que ela teve o desprazimento de fazer passar por pesar,

o que me surpreendeu naquelas duas raparigas, na tua mãe e na tua tia, era que elas são, eram – a minha vida é passada a oscilar entre tempos verbais – completamente americanas. A ligação do pai delas às terras altas escocesas era, convenhamos, inteiramente líquida e depois de a tua avó o ter despachado quase ninguém lhe punha a vista em cima. Ele passou a guerra com aqueles tontos dos Windsors em Nassau; Monte Carlo a seguir à guerra, e finalmente atolou-se no bar do White's. Da tribo dos que estão podres de bêbados todos os dias das suas vidas desde o almoço até à hora de deitar, ele era de longe o mais encantador, mas algo frustrante, dá-me ideia, enquanto pai. Um nível de bebedeira desta ordem é, essencialmente, como estar a tentar abraçar um náufrago. O estranho acesso de sentimentalismo durante os vinte minutos que a bebida a tal o inspirava era um fraco substituto para o fluxo estável de bondade abnegada que sempre norteou o meu empenho como pai. Os resultados, admito, foram diferentes. Como decerto saberás, a Amanda não me fala vai para quinze anos. Para mim, a culpa é do psicanalista dela, que lhe enche a cabecita, que nunca foi lá muito brilhante, com ideias freudianas sobre o seu papá senil.

O estilo grandiloquente do discurso de Nicholas começava a desvanecer-se e a assumir um murmúrio cada vez mais urgente, e os nós das suas mãos de veias azuis estavam brancos pelo esforço de se aguentar na vertical.

– Bem, meu caro, haveremos de voltar à nossa conversa depois da cerimónia. É ótimo ver-te em tão boa forma. As minhas condolências e isso tudo, sendo que se alguma vez fez sentido dizer-se «foi melhor assim», esta é uma delas. Tornei-me uma espécie de Florence Nightingale na velhice, mas mesmo a Senhora da Lâmpada teve de bater em retirada face a essa ruína aterrorizadora. É possível que isto seja visto como um travão na marcha da minha canonização, mas prefiro visitar gente que consiga ainda apreciar um comentário perverso e uma taça de champanhe.

Ele parecia estar prestes a desmobilizar mas pensou melhor.

– Tenta não azedar em relação ao dinheiro. Um amigo ou outro que fez uma algazarra com esse tipo de coisas acabou a morrer numa enfermaria do sistema nacional de saúde, e devo dizer que a humanidade do pessoal – na sua maioria estrangeiro – me deixou

muito impressionado. Lembra-te disto, o que podemos fazer com o dinheiro a não ser gastá-lo quando o temos ou azedarmos quando não o temos? É um bem muito limitado no qual as pessoas investem as emoções mais extraordinárias. Pensando bem, *vamos* lá a azedar com o dinheiro; é uma das poucas coisas que ele pode fazer: destilar algum azedume. Os bonzinhos por vezes queixam-se de que eu tenho demasiadas *bêtes noires*, mas preciso das minhas *bêtes noires* para expulsar o *noire* cá de dentro e canalizá-lo para as *bêtes*. Além do mais, esse lado da tua família foi bem-sucedido. Em quantas vai? Seis gerações de gente, e não apenas o filho mais velho, essencialmente ociosa. Podem até ter vestido a sua camuflagem de trabalhadores, especialmente na América, onde toda a gente tem de ter um gabinete, nem que seja para girar na sua cadeira com os sapatos em cima da secretária durante uma meia hora antes do almoço, mas não tinham nenhuma necessidade disso. Apesar de não poder falar de experiência própria, deve ter sido deveras emocionante, para ti e para os teus filhos, depois de tanto tempo arredados da competição, terem de pôr mãos à obra. Sabe Deus o que seria da minha vida se não tivesse repartido o meu tempo entre a cidade e o campo, entre casa e fora de casa, entre mulheres e amantes. Reparti o tempo e agora o tempo reparte-me a mim. Tenho de olhar melhor para estes fanáticos religiosos com que a tua mãe se fez rodear.

Nicholas afastou-se a manquejar, sem fingir que esperava qualquer outra reação que não a de um fascínio silencioso.

Quando Patrick pensou no modo como a doença e a morte haviam desfeito as fantasias xamanistas frívolas de Eleanor, os «fanáticos religiosos» de Nicholas pareceram-lhe mais como desertores crédulos. No final da sua vida, Eleanor tinha sido atirada para um impiedoso curso intensivo em autoconhecimento, com apenas um «poder animal» numa mão e um chocalho na outra. Ela tinha sido deixada à prática mais radical de todas: sem fala, sem movimento, sem sexo, sem drogas, sem viagens, sem gastos, quase nenhuma comida; somente só, numa silenciosa contemplação dos seus próprios pensamentos. Se é que contemplação era o termo adequado. Talvez sentisse que eram os seus pensamentos a contemplarem-na a ela, como predadores famintos.

– Estava a pensar nela? – disse maviosa uma voz irlandesa. Annette pousou uma mão calmante no antebraço de Patrick e fez descair a sua cabeça compreensiva para um lado.

– Estava aqui a pensar que uma vida não é mais do que a história das coisas a que dedicamos a nossa atenção – disse Patrick. – O resto é acessório.

– Oh, isso parece-me demasiado rígido – disse Annette. – A Maya Angelou diz que o sentido das nossas vidas é o impacto que fazemos nas outras pessoas, quer as façamos sentirem-se bem quer não. A Eleanor fez sempre as outras pessoas sentirem-se bem, essa foi uma das suas dádivas a este mundo. Oh – acrescentou com um súbito entusiasmo, firmando o antebraço de Patrick –, só ao chegar aqui me apercebi desta ligação: estamos no crematório Mortlake para nos despedirmos da Eleanor, e adivinhe só o que lhe li da última vez que estivemos juntas. Não adivinha. *A Senhora do Lago*. É uma história de suspense arturiana, nada de especial, na verdade. Mas isso já diz tudo, não acha? Senhora do Lago – Mortlake. Dada a ligação da Eleanor à água e ao seu amor por lendas arturianas.

Patrick estava perplexo com a confiança de Annette no poder consolador das suas palavras. Sentiu a irritação ser rendida pelo desespero. E pensar que a sua mãe escolhera viver no meio destes tolos rematados. Que conhecimento estaria ela tão determinada a evitar?

– Quem poderá dizer o que leva um crematório e um romance de fraca qualidade a terem nomes vagamente parecidos? – disse Patrick. – É frustrante sermos levados tão para além da mente racional. Mas digo-lhe quem seria muito recetivo a esse tipo de relações: está a ver ali aquele senhor de idade com a bengala? Vá dizer-lhe isso. Ele adora esse tipo de coisas. O nome dele é Nick. – Patrick tinha a vaga impressão de que Nicholas não suportava esta abreviatura.

– O Seamus manda cumprimentos – disse Annette, aceitando alegremente a sua escusa.

– Obrigado – Patrick curvou a cabeça, tentando controlar a sua exagerada deferência.

O que estava ele a fazer? Era tudo tão desfasado. A guerra com Seamus e com a Fundação da sua mãe tinha acabado. Tudo estava

perfeito agora que ele era órfão. Parecia ter esperado toda a sua vida por esta sensação de plenitude. Isso era tudo muito bonito para os Oliver Twists deste mundo, que partiram do estado invejável que a ele lhe levara quarenta e cinco anos a conseguir, mas o luxo relativo de se ter sido educado por um Bumble e por um Fagin, em vez de por um David e por uma Eleanor Melrose, estava destinado a produzir um efeito debilitante na personalidade.¹ A pertinácia paciente de influências potencialmente letais fizera de Patrick o homem que era hoje em dia, vivendo sozinho num pequeno apartamento, apenas um ano depois da sua última visita à Sala de Acompanhamento ao Suicídio na Ala de Depressão do Priory Hospital. Que sensação tão ancestral não retirara ele do seu *delirium tremens*, de se vergar, depois de uma juventude rebelde de toxicodependente, à banalidade esmagadora do álcool. Enquanto advogado, sentia hoje em dia relutância em pôr termo à sua vida de modo ilegal. O álcool calava-lhe fundo, embalando-lhe a ascendência. Conseguia ainda recordar-se de com cinco anos ir de burro entre as palmeiras e os canteiros de flores vermelhas e brancas dos jardins do casino de Monte Carlo, enquanto o seu avô ficava sentado num banco verde a tremer incontrolavelmente, grampeado pela luz do Sol, com uma mancha alastrando-se lentamente pelas calças cinzento-pérola do seu fato irrepreensível.

A falta de seguro obrigou Patrick a assumir os encargos da sua estada no Priory, apostando todos os seus fundos num mês de recuperação. Ineficazmente aquém de um ponto de vista psiquiátrico, um mês foi ainda assim tempo suficiente para se apaixonar de imediato por uma paciente de vinte anos de idade chamada Becky. Ela assemelhava-se à Vénus de Botticelli, aprimorada por uma pérgula ensanguentada de cortes de lâmina ziguezagueando pelos seus braços alvos e esguios. Quando a viu pela primeira vez na Ala de Depressão, a sua infelicidade radiante desfechou uma flecha em chamas sobre o barril de pólvora da sua frustração e do seu vazio.

¹ Bumble e Fagin são duas personagens do romance *Oliver Twist* de Charles Dickens, o primeiro um bedel moralista e hipócrita que maltrata os necessitados à sua guarda, o segundo um criminoso de carreira que emprega crianças desprotegidas e as treina como carteiristas, usando-as para seu proveito e como escudo penal. (*N. do T.*)

– Sou uma depressiva automutiladora resistente ao tratamento – disse-lhe ela. – Puseram-me a oito tipos diferentes de comprimidos.

– Oito – repetiu Patrick com surpresa. Ele estava reduzido a três: ao antidepressivo diurno, ao antidepressivo noturno, e ao oxazepam numa toma diária de trinta e dois calmantes para fazer face ao *delirium tremens*.

Uma vez que só conseguia pensar com tamanha dose de oxazepam, só conseguia pensar em Becky. No dia seguinte, separou-se do seu colchão estrepitoso e dirigiu-se desmazeladamente ao Grupo de Apoio à Depressão na esperança de a voltar a ver. Ela não estava lá, mas Patrick já não conseguiu escapar ao círculo de depressivos em fato de treino.

– No que toca a cores garridas, saibamos nós ser compensados pela nossa indumentária – suspirou ele, afundando-se na cadeira mais próxima.

Um americano de nome Gary deu o pontapé de saída ao momento de partilha:

– Deixem-me dar-lhes um cenário: imaginem que foram enviados à Alemanha em trabalho, e imaginem que um amigo do qual há muito não sabiam nada vos ligava e vinha dos Estados Unidos visitar-vos...

Após uma história chocante de exploração e ingratidão, ele perguntou ao grupo o que haveria de dizer ao amigo.

– É cortar com eles – disse o amargo e abrasivo Terry –, com amigos desses, quem precisa de inimigos?

– Está bem – disse Gary, saboreando o seu momento –, e imaginem que eu vos dizia que este «amigo» era a minha mãe, o que diriam nessa altura? Porque haveria isso de ser tão diferente?

A consternação percorreu o grupo. Um homem, que tinha andado a sentir-se «completamente eufórico» desde que a mãe o viera buscar no último domingo para o levar a comprar umas calças novas, aconselhou Gary a nunca abandonar a sua mãe. Por outro lado, havia uma mulher chamada Jill que tinha ido «dar um grande passeio à beira-rio do qual não esperara regressar – bem, vamos pôr a coisa assim, regresssei mas *muito molhada*, e eu disse ao Dr. Paggazzi, que adoro de paixão, que pensei que tinha alguma coisa que ver com a minha mãe e ele disse “Não vamos sequer por aí.”» Jill

disse que, tal como ela própria, Gary não deveria ter nada que ver com a sua mãe. No final da sessão, o sábio moderador escocês tentou proteger o grupo deste dilúvio de conselhos autocomplacentes.

– Alguém uma vez me perguntou por que razão são as mães tão boas a tocar-nos nos pontos mais sensíveis – disse ele –, e a resposta que eu dei foi «Porque foram elas que os puseram lá, para começar.»

Todos assentiram taciturnamente, e Patrick perguntou a si mesmo, não pela primeira vez, embora com um desespero renovado, o que significaria ser-se livre, viver-se para além da tirania da dependência e do condicionamento e do ressentimento.

Após o Grupo de Apoio, foi uma Becky descalça, dobrada sobre si, ilicitamente fumando, que ele viu descer as escadas a seguir à lavandaria. Seguiu-a e foi achá-la enroscada, sentada nos degraus, as pupilas gigantes nadando num lago de lágrimas.

– Odeio este lugar – disse ela. – Vão expulsar-me porque dizem que tenho uma forma de estar negativa. Mas eu só fiquei na cama porque estava muito *deprimida*. Não sei para onde ir, não consigo enfrentar os meus pais.

Ela estava a implorar para ser salva. Porque não fugir com ela para o seu estúdio? Era uma das poucas pessoas vivas mais suicidas do que ele. Poderiam ficar juntos na cama, dois refugiados do Priory, um em convulsões enquanto o outro se cortava. Porque não levá-la consigo e deixá-la resolver as coisas por ele? Poder enfaixar-lhe aquelas suas veias tão azuis, poder beijar-lhe aqueles lábios empalidecendo. Não, não, não, não, não. Ele estava demasiado bem, ou, pelo menos, demasiado velho.

Atualmente só a custo conseguia lembrar-se de Becky. Tantas vezes observava as suas obsessões passarem diante dele como ruibores e, ao não fazer nada em relação a isso, viu-as dissiparem-se. Tornar-se órfão era uma fonte termal na qual este novo sentimento de liberdade poderia continuar a brotar, se ao menos tivesse a coragem de não se sentir culpado pela oportunidade que se perfilava à sua frente.

Patrick cambaleou na direção de Nicholas e de Annette, curioso pelo desfecho deste acasalamento que promovera.

– Seja ao pé da sepultura ou do forno – ouviu Nicholas instruir Annette –, repita estas palavras «Adeus, farrapo velho. Ou eras tu ou eu e ainda bem que foste tu!» Esta é a minha prática espiritual, e por mim será bem-vinda se vier a adotá-la e a colocá-la na sua hilariante «caixa de ferramentas espiritual».

– O seu amigo é absolutamente impagável – disse Annette, vendo Patrick aproximar-se. – O que ele não sabe é que vivemos num universo de amor. Mas este também o ama a si, Nick – assegurou ela a Nicholas, pousando a mão sobre o seu ombro retraído.

– Já lhe citei Bibesco – atirou Nicholas –, mas volto a citar-lha: «Para um homem do mundo, o universo não passa de subúrbios.»

– Oh, ele tem uma resposta pronta para tudo, não tem? – disse Annette. – Espero que continue a rir-se a caminho do céu. São Pedro adora homens de espírito.

– Não me diga – disse Nicholas, surpreendentemente sossegado. – Foi a melhor que eu já ouvi sobre esse secretário particular incompetente. Como se o Onnipotente consentisse em passar a eternidade rodeado de uma série de freiras e de indigentes e de missionários pré-cozidos, arriscando-se a ver os seus concertos arruinados pelos guizos de caixas de ferramentas espirituais e pelos gritos dos fiéis, vangloriando-se das suas crucificações! Que alívio que uma ordem iluminada tenha finalmente chegado à portaria dos Portões Perlíferos: «Pelo amor de Deus, mandem-Me um conversador!»

Annette lançou a Nicholas um olhar de censura bem-humorada.

– Ah – disse ele, acenando com a cabeça para Patrick –, nunca pensei ficar tão grato por ver a tua tia insuportável. – Levantou a bengala e brandiu-a na direção de Nancy. Esta deteve-se à entrada parecendo exausta pela sua própria altivez, como se as suas sobranças arrebidadas não pudessem aguentar a tensão muito mais.

– Acudam-me! – disse ela para Nicholas. – Quem é esta gente peculiar?

– Zelotas, Aluados, feiticeiros, terroristas em potência, lunáticos religiosos de toda a espécie e feitio – explicou Nicholas, oferecendo o braço a Nancy. – Evite qualquer contacto ocular, mantenha-se junto a mim e pode ser que escape para contar a história.

Nancy inflamou-se quando avistou Patrick.

– De todos os dias para se ter um funeral este *não* era de todo o dia – disse ela.

– Porquê? – perguntou ele, confuso.

– É o casamento do príncipe Carlos. As poucas pessoas que poderiam vir vão estar em Windsor.

– Estou certo de que também lá estaria, se tivesse sido convidada – disse Patrick. – Não hesite em esgueirar-se para lá com uma bandeira britânica e um periscópio de cartão, se achar que vai ser mais interessante.

– Quando penso no modo como nos educaram – sibilou Nancy –, é por de mais ridículo pensar no que a minha irmã fez com... – Ela não encontrou as palavras.

– O livro de endereços de ouro – ronronou Nicholas, agarrando a bengala com mais firmeza para se defender do solavanco de Nancy.

– Sim – disse ela –, o livro de endereços de ouro.